

**Cartas Entre Herbert Marcuse e Martin Heidegger**

Introdução de Richard Wolin(1)

A História completa da relação entre Marcuse e Heidegger ainda está por ser escrita. Sabemos que durante os quatro anos em que Marcuse esteve em Freiburg estudando com Heidegger, seu entusiasmo pela filosofia deste era ilimitado. Ou, como o próprio Marcuse diria em retrospecto: "Devo admitir francamente que, durante esse tempo, digamos, de 1928 a 1932, havia relativamente poucas reservas e críticas de minha parte." (2)

O primeiro ensaio de Marcuse, "Contribuições para uma fenomenologia do Materialismo Histórico", é uma filosofia da história. "Os fundamentos do Materialismo Histórico" é Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho na economia, e "Sobre o problema da dialética", surgiram neste período e tentam encontrar na síntese entre Marxismo e existencialismo.(3) Sem dúvida, a síntese buscou por Marcuse assemelha-se a um trabalho filosófico empreendido pelo último Sartre da Crítica da Razão dialética e de outras obras. Apesar disso, enquanto Marcuse passava do Marxismo para o existencialismo, o desenvolvimento intelectual de Sartre seguiu trajetória inversa. Entretanto, por meio da integração do marxismo e do existencialismo, os dois pensadores perseguiram um fim comum: eles reconheceram que a crise do pensamento - e da prática - marxista foi em grande parte precipitada por sua incapacidade de conceituar o problema do "indivíduo". Assim, nas doutrinas do marxismo ortodoxo, o ponto de vista do indivíduo ameaçava sucumbir sob o peso de condições e determinismos históricos objetivos. Para Sartre, escrever, no despertar do stalinismo e da invasão soviética na Hungria, era uma crítica da razão dialética, e no sentido kantiano ele estabeleceu limites ou testes aos transeúntes: normal, estava uma tarefa histórica no presente. As tentativas de Marcuse de integrar as duas tradições, que, no final das contas, ele considerava frustradas, pareciam antecipar muitos dos problemas históricos do marxismo, os quais iriam motivar posteriores explorações filosóficas de Sartre sobre esses temas.

Uma descrição mais detalhada do que Marcuse viu de tudo isso promissor no existencialismo de Heidegger foi feita em outro trabalho(4). Quaisquer que tenham sido, porém, as razões conceituais para seu desenvolvimento intelectual. Essa ligação continuou forte e o baneito da motivação lá visitando Heidegger em sua casa de montanha em Todtnauberg, no início de 1947. Além disso, vemos que, ignorando o conselho de seus companheiros judeus alemães emigrados (provavelmente os outros membros do Instituto de Pesquisa Social), e mesmo após a decepcionante discussão com Heidegger em Todtnauberg - a exemplo do poeta Paul Celan (veja-se seu poema "Todtnauberg"), Marcuse também viajou até o abrigo de Heidegger na Floresta Negra, à procura de uma "única palavra" de arrependimento, que o filósofo se recusou a dizer - ele continuou a mandar a Heidegger um "pacote-auxílio"(7), numa época em que as condições de vida na Alemanha permaneciam precárias, fazendo tudo isso pelo muito que ainda devia ao "homem com quem aprendi filosofia de 1928 a 1932".

Conforme Marcuse menciona em sua entrevista de 1974, após essa troca de cartas não houve qualquer comunicação entre os dois. Mesmo assim, se alguém examina "O Homem Unidimensional", encontra Heidegger através de argumentos de Heidegger da "Questão da Tecnologia", para sustentar sua crítica da razão instrumental ("O homem moderno considera todo o Ser como matéria-prima para produção e sujeita todo o mundo-objeto ao fluxo e ordem da produção [Herstellen]"(8)).

Voltemos agora para a carta de Heidegger, de 20 de janeiro de 1948: pode-se identificar a série familiar de racionalizações, meias-verdades e inverdades recentemente expostas nos livros de Victor Farias e Hugo Ott(9). Também é possível encontrar o recurso a uma estratégia de negação e relativização que se tornaria lugar-comum na República Federal, durante o "período de latência" dos anos Adenauer: a afirmação de que o mundo se comporta de maneira dúbia ao condenar os crimes de guerra alemães, uma vez que os dois lados foram igualmente horríveis (Dresden), a expulsão dos alemães residentes nos "territórios orientais", etc.). Em seu favor, aqui Marcuse se recusa a permitir que o "filósofo do Ser" tenha a última palavra.

**CARTA DE MARCUSE A HEIDEGGER, EM 28 DE AOSTO DE 1947**

Prezado Heidegger,

Pensei bastante sobre o que você me falou quando o visitei em Todtnauberg e gostaria de escrever-lhe francamente sobre o assunto. Você me disse que se havia desligado do regime nazista em 1934 e que era vigiado pela Gestapo. Não duvido de sua palavra: Mas o fato é que em 1934 você se identificou tanto com o regime, que hoje muitos o vêem como um de seus maiores proponentes intelectuais. Provam-no seus discursos, escritos e tratado desse período. Você nunca os desmentiu publicamente, nem mesmo após 1945. Nunca explico publicamente que cheguei a conclusões diferentes das expressas em 1933 e 34 e das articuladas em seus escritos. Você permaneceu na Alemanha após 1934, embora pudesse ter ocupado um cargo em qualquer lugar no exterior. Você jamais denunciou publicamente quaisquer ações ou ideologias do regime. Devido a essas circunstâncias, você é ainda hoje associado ao regime nazista. Muitos de nós esperamos, durante muito tempo, por uma declaração sua, que o libertaria de seu vínculo com esse regime. Sua declaração de arrependimento que expressasse com sinceridade sua atitude quanto aos acontecimentos passados. Mas você nunca pronunciou tal declaração - pelo menos, ela nunca foi além da esfera privada.

Eu e muitos outros o admiramos como filósofo, de quem aprendemos infinitamente. Porém, não podemos separar o filósofo do homem, porque isso contraria sua própria filosofia. Um filósofo pode enganar-se com assuntos políticos, caso em que ele reconhecerá seu erro abertamente. Mas ele não pode se enganar com um regime que matou milhões de judeus, meramente por serem judeus, que fez de terror um fenômeno cotidiano e que tomou por seu inimigo mortal tudo o que se refere às ideias de espírito, liberdade e verdade. Um regime que, em todos os aspectos imagináveis, era a caricatura mortal da tradição ocidental, que você explicou e justificou com tanto esforço. E se esse regime não fosse à caricatura daquela tradição, mas seu clima, nem assim poderia haver engano, pois então você teria que acusar e repudiar toda essa tradição.

E realmente dessa maneira que você gostaria de ser lembrado na história das Ideias? Toda tentativa de combater a esse regime, que acabou em triunfo e sucumbiu diante da resistência geral em levar a sério um ideal e um método, não é admirável (embora eu não tenha intenção de intelectuá-lo), que dá testemunho de resistência, recusa-se ao razão, a acede-lo como a filosofia, porque filosofia e nazismo são incompatíveis. Mas uma vez, você (e nós) só pode combater a identificação de sua pessoa e de seu trabalho com o nazismo (e, conseqüentemente, a dissolução de sua filosofia) se fizer o reconhecimento público de sua mudança de opinião.

Enviar-lhe-ei um pacote nesta semana. Meus amigos me reprovaram duramente por isso, acusando-me de ajudar um homem ligado a um regime que mandou milhões de correligionários meus para as câmaras de gás (para evitar mal entendidos, gostaria de esclarecer que eu era antinazista não apenas por ser judeu, mas o era e seria desde sempre por razões políticas, sociais e intelectuais, mesmo se eu fora "100% ariano"). Nada pode contrariar esse argumento. Desculpo-me perante minha consciência, dizendo estar ajudando um homem que me ensinava a viver em 1938 e 1932. Sei perfeitamente que essa desculpa é fraca. O filósofo de 1933-34 não pode ser completamente diferenciado de antes de 1933; pelo menos, na medida em que você manifestou e fundamentou sua justiça quanto a essa situação do nazismo em termos filosóficos.

4609 Chevy Chase Blvd. Washington 15, D. C.

Marcuse

**CARTA DE HEIDEGGER A MARCUSE, EM 20 DE JANEIRO DE 1948**

Prezado Marcuse,

Recebi o pacote mencionado em sua carta de 28 de agosto. Acredito estar distribuindo de acordo com sua vontade e de forma a tranquilizar seus amigos, ao doar seu conteúdo para distribuição entre ex-alunos, os quais nunca foram do Partido ou tiveram qualquer ligação com o nacional-socialismo. Agradeço-lhe pela ajuda também em nome deles.

Se posso inferir por sua carta que você está seriamente preocupado com (alcançar) um julgamento correto sobre meu trabalho e minha pessoa, sua carta demonstra o quão difícil é conversar com pessoas que não viveram na Alemanha desde 1933 e que julgam o conceito de movimento nacional-socialista a partir de seu final. Com relação aos principais pontos de sua carta, gostaria de dizer o seguinte:

1. Sobre 1933: Eu esperava do nacional-socialismo uma renovação espiritual da vida no seu todo, uma reconciliação de antagonismos sociais e uma libertação do Dasein ocidental dos perigos do comunismo. Tais convicções foram expressas em meu "Discurso de Reitor" (você o leu no seu todo?), numa palestra sobre "A Essência da Ciência" e em dois discursos para estudantes da Universidade [Freiburg]. Houve também um panfleto eleitoral de aproximadamente 25 a 30 linhas, publicado no jornal universitário [Freiburg]. Hoje considero exageradas algumas afirmações [Entgeisung].

2. Em 1934, reconheci meu erro político e renunciei ao cargo de reitor, em protesto contra o Estado e o Partido. O fato de que [as atividades partidárias de Heidegger] ser perseguido pelos comitês de propaganda, é aqui e no exterior, e 2º) [sua renúncia] ser abafado pelas mesmas razões escapou à minha atenção e não pode ser objeto de acusação contra mim.

3. Você está absolutamente correto sobre eu ter falhado ao não me retratar publicamente e claramente. Isso, teria sido fatal para mim e minha família. Sobre o assunto, Jaspers disse que o fato de que eu não tenha sido visto é, no fundo, uma bênção.

4. Em minhas palestras e cursos de 1933 a 1944, positionei-me de maneira tão clara que nenhum de meus alunos se tornou vítima da ideologia nazista. Meus trabalhos desse período, caso apareçam algum dia, o comprovaram.

5. Uma declaração após 1945 me era impossível: os defensores do nazismo anunciaram sua mudança de credo da maneira mais asquerosa; entretanto, nunca tive nada em comum com eles.

6. Às suas sérias e procedentes acusações "sobre um regime que matou milhões de judeus, que fez de terror um fenômeno cotidiano e que tomou por seu inimigo mortal tudo o que se refere às ideias de espírito, liberdade e verdade", não apenas as rejeitei, mas também as respaldava, com o uso de termos como "alemães orientais" (isto é, alemães das áreas orientais), e mesmo se aplicaria a um dos aliados, com a diferença de que, naquele tempo, ocorreu desde 1945 tornou-se básico, enquanto o terror sangüinário dos nazistas foi, na verdade, o resultado do povo alemão.

Martin Heidegger

**CARTA DE MARCUSE A HEIDEGGER, EM 12 DE MAIO DE 1948**

Prezado Heidegger,

Por muito tempo hesitei em responder a sua carta de 20 de janeiro. Você tem razão: é realmente difícil conversar com pessoas que não estiveram na Alemanha desde 1933. Mas não creio que eu tenha dito seja nessa falta de familiaridade com a situação alemã sob o nazismo. Estávamos bem conscientes dessa situação, talvez até mais do que as pessoas que estavam em Alemanha. O contato direto que mantive com muitas dessas pessoas em 1947 convenceu-me disso. Tal dificuldade também não pode ser resolvida pelo fato de julgarmos "o início do movimento nacional-socialista a partir de seu final".

Sabíamos, o que também percebi, que o início prenunciava o fim. Parece-me que a dificuldade de diálogo pode ser atribuída mais ao fato de que, as pessoas, na Alemanha, estavam sujeitas a uma pressão enorme de cetero e contra, por parte de Heidegger. Difícilmente se pode falar com Heidegger, seria impossível explicar que um homem como você, capaz de entender a filosofia ocidental como nenhum outro, tenha podido ver no nazismo "uma renovação espiritual da vida no seu todo", uma "libertação do Dasein ocidental dos perigos do comunismo" (que, no entanto, é um componente essencial de seus Dasein ). Esse não é um problema político, mas intelectual - estou tentando a dizer: um problema de conhecimento, de verdade. Você, o filósofo, confundiu a destruição do Dasein ocidental com sua renovação? Essa destruição já não estava evidente em cada palavra dos "dirigentes", em cada gesto e fala de SA, muito antes de 1933?

De qualquer modo, gostaria de tratar apenas de uma parte de sua carta; senão, meu silêncio poderia ser interpretado como culpabilidade.

Você escreveu que tudo o que eu disse sobre a exterminação dos judeus também se aplicaria aos aliados, caso se dissesse "alemães orientais" em vez de "Judeus". Com tal afirmação, você não se coloca fora da dimensão em que o diálogo entre os homens é a menos possível - fora do logos possível. Não se pode dizer "alemães orientais" e "Judeus". "compreender" um crime, dizendo que outros teriam feito a mesma coisa é mais: como é possível comparar a tortura, a mutilação e a aniquilação de milhões de pessoas com a relocação forçada de grupos populacionais que não sofreram nenhum desses abusos (a não ser em algumas situações excepcionais)? Numa perspectiva contemporânea, parece já haver uma clara distinção entre a humanidade e a desumanidade dos campos de concentração nazistas e das deportações e prisões dos anos pós-guerra. Com base no seu argumento, se os aliados tivessem reservado Auschwitz e Buchenwald - e tudo o que aconteceu lá - para os "alemães orientais" e os nazistas, então tudo estaria certo! Se, por outro lado, a diferença entre desmoralização e humanidade for reduzida a esse cálculo errôneo, isso se torna a culpa histórica mundial do sistema nazista, que demonstrou ao mundo, após mais de 2.000 anos de Dasein ocidental, o que os homens podem fazer aos seus semelhantes. É como se a semente caísse em solo fértil e talvez ainda estejamos vivendo a continuação do que começou em 1933. Se você ainda consideraria isso uma "renovação", não posso dizer com certeza.

4609 Chevy Chase Blvd. Washington 15, D. C.

Marcuse

**CARTA DE KARL JASPERS À COMISSÃO DE DESNAZIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE FREIBURG**

Introdução de Richard Wolin

Em 1920, Heidegger e Jaspers (1883-1969) tornaram-se amigos. Jaspers percebeu que encontrara em Heidegger um espírito filosófico com o qual verdadeiramente se identificava. Ou, como descreve em sua Autobiografia Filosófica (Munich, Piper, 1927), "o fato de que você, Heidegger, tinha em comum com Heidegger "Dificilmente se pode identificar a situação que se sente em poder conversar seriamente com um membro do povo da comunidade filosófica". Os dois uniram-se em um desejo comum pela filosofia acadêmica tradicional ("ambos sentimos que era nossa tarefa [promover] uma renovação da filosofia em si, mas de tipo de filosofia então dominante nas universidades") e em sua profunda admiração pela filosofia de Kierkegaard, cuja obra se tornara um rito de passagem para quase todas as Existenzphilosophie do século XX, inclusive a de Sartre(10). Embora Jaspers houvesse sido inicialmente atraído pelo gênio inconfundível de Heidegger, as relações entre eles, desde o princípio, não transcorreram sem dificuldades. Heidegger parecia ser temperamental e, por natureza, inclinado ao silêncio. O primeiro mal-entendido de verdade entre eles foi provocado por uma crítica longa e impiedosa que Heidegger escreveu em 1921

sobre uma obra de Jaspers de 1919, A Psicologia das Visões de Mundo, crítica essa que Heidegger só publicaria 45 anos mais tarde, em egmarken. Jaspers achou

que Heidegger estava sendo injusto, pois ele não estava preparado para reconhecer estivesse desapontado com o fracasso dele, Jaspers, em seguir o percurso filosófico delineado por seu colega mais jovem.

Jaspers, por sua vez, admite ter reagido um tanto friamente à grande obra de Heidegger de 1927, Ser e Tempo. Em 1922, Heidegger entregou a Jaspers algumas páginas de uma obra em andamento para que ele lesse. Jaspers achou-as "incompreensíveis", principalmente, parece, devido à excessiva confiança de Heidegger em neologismos. Quando o livro finalmente apareceu, profetizando Heidegger para a fama internacional, Jaspers demonstrou pouco interesse. Achou-o "inútil" (energiebig), apesar do "brilho de uma análise vigorosa" (Autobiografia Filosófica, p.98).

No entanto, como se pode suspeitar, o verdadeiro desentendimento entre ambos ocorreu em 1933, em razão do ativismo político de Heidegger. Logo após ter sido elevado ao cargo de reitor em Freiburg em maio de 1933, Heidegger viajou para Heidegger, onde Jaspers lecionava, para dar uma conferência. Segue Jaspers, enquanto a "forma" do discurso era "magistral", seu conteúdo consistia em um papel típico para uma renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo especial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao âmbito da filosofia. Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profundidade ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reserva se manifestaram na ausência intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Friedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido que esta é a carta a questão. Sua "comentário" seria decisiva no que diz respeito ao papel de Heidegger na renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuais, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então? ", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como e poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; o Hite somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos filosóficos contemporâneos, He